

PREFÁCIO

Edson Cortez

"Até que os leões tenham seus próprios historiadores, a história da caça sempre glorificará o caçador."

Provérbio africano

A história de Moçambique pós-independência sempre apresentou os vencedores como heróis puros e imaculados. Porque essa história sempre foi contada por eles, os vencedores.

O livro que o leitor tem em mãos, constitui uma oportunidade para que possa compreender que todas as histórias podem ter diferentes versões, dependendo da perspectiva dos actores, o conhecimento mais ou menos profundo sobre determinados factos narrados ou escritos, a familiaridade com os assuntos narrados, tudo isso pode influenciar a compreensão e o rumo da história que se pretende contar.

Os vencedores, tendencialmente tem uma versão da história que procura sempre vanglorizar os seus feitos, mostrar a sua heroicidade perante os factos narrados e omitir deliberadamente ou por conveniência factos menos abonatórios.

Ao ler este livro, parafraseando o provérbio acima mencionado, o leitor terá a oportunidade de conhecer a outra versão, a dos "leões", que nunca puderam contar o que viram, sabem ou viveram, durante o período coberto pela análise deste livro.

O "ADN da Frelimo: Dinheiro e Poder", procura apresentar uma outra face da história desde os tempos da Frente de Libertação Nacional até os dias da actualidade em que se tornou partido dominante, num sistema multipartidário frágil e cheio de resquícios do período de monopartidarismo.

O leitor está convidado a mergulhar numa viagem que irá apresenta-lo uma versão que convenientemente não interessa que seja do domínio público, tanto para os actuais, como também para os antigos detentores do poder. Não interessa, porque este livro documenta a face menos atraente da Frelimo, sistematizando acontecimentos, factos e evidências que são do conhecimento dos moçambicanos e que fazem parte da nossa história.

O livro apresenta ao longo dos seus capítulos e de forma sucinta, a génese da Frelimo, as lutas étnico-tribais pelo controlo do movimento, as disputas para escolha da ideologia dominante dentro do movimento e como essas tensões e a necessidade de impor a força as ideologias das elites vencedoras dentro do partido, em determinados momentos resvalaram para situações de intolerância, através do uso de meios repressivos tais como os fuzilamentos públicos, assassinatos ou desaparecimento físico de figuras políticas incomodas as elites de então.

O autor mostra que a génese da Frelimo contribui para moldar a forma de actuação no pós-independência, e o rumo que o país tomou, nada mais é do que, o reflexo da intolerância e

aversão à crítica, que já era a nota dominante no período da luta armada. E muita das práticas de repressão que caracterizaram este movimento no período da luta de libertação nacional, continuam a ser reproduzidas na actualidade, sempre que as elites sentem os seus interesses ameaçados.

Os argumentos apresentados neste livro demonstram que a Frelimo é uma organização política sem ideologia, extremamente habilidosa no discurso e que os seus membros procuram a todo custo controlar o partido, de modo a controlar o Estado e possibilitar acumulação de capital que de outra forma não seria possível.

Boa leitura

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O poder conquista-se e defende-se, em muitos casos, por métodos violentos e formas de gestão, que utilizam a propaganda política e de outras naturezas. Em democracia ou em outros regimes políticos e de Estado, os partidos no poder procuram tornar-se dominantes hegemónicos, como forma de mais eficazmente implementarem os seus programas políticos económicos e sociais. O populismo, o autoritarismo e o desenvolvimento dos sistemas ideológicos e repressivos, constituem alicerces fundamentais da sustentação em regime autoritários ou de democracia autoritária (presença prolongada e maioritária de um partido no poder).

Os partidos políticos exercem o poder principalmente através do Estado e da captação de apoios (bases) sociais. Para isso, necessitam dominar e colocar as burocracias ao serviço dos programas partidários. Transforma-se o Estado e os servidores dos cidadãos (funcionários públicos), em aparelhos de implementação de programas não necessariamente representativos de todos ou mesmo da maioria dos cidadãos. Isso acontece, inclusivamente, nas democracias mais avançadas. A diferença fundamental da qualidade das democracias, reside no nível de consciência, de organização e da capacidade reivindicativa, tanto para os assuntos transversais da sociedade, como para os específicos das segmentações políticas e profissionais ou de classe. O desenvolvimento das sociedades, implica uma crescente estratificação socioprofissional religiosa, étnica, regional e de nacionalidades, cujos interesses só podem ser representados e reivindicados através de formas de organização específicas, como partidos políticos, sindicatos, organizações da sociedade civil e organizações de caráter semi-secreto. Em democracias menos desenvolvidas, o pilar da sociedade civil é débil o que, juntamente com o monopólio prolongado do poder, pode conduzir a sistemas autoritários e até cleptocráticos e neopatrimonialistas.

Em África e em particular nos países que alcançaram as independências através de lutas armadas, os movimentos de libertação transformaram-se em partidos políticos que permanecem no poder durante décadas. Para além da afirmação enquanto Estados, de identidades culturais diversas e de governos nacionais, existiu maior acesso à educação e saúde, maiores liberdades dos cidadãos e afirmação de identidades culturais. Porém, na maioria dos casos, as independências não se traduziram em estabilidade política e militar, em alterações significativas nos níveis de vida e da pobreza, e o poder é sustentado por sistemas securitários e repressivos violentos, populismo e manipulação da informação.

Moçambique enquadra-se nos casos dos países referenciados no parágrafo anterior. O estudo pretende compreender as continuidades e descontinuidades de opções políticas e económicas da Frelimo, as formas de conquista e defesa do poder, a captura das instituições do Estado de Direito, tornando-as plataformas de negócio das elites, de distribuição de recursos e privilégios, instrumento de defesa e reprodução do poder. Pretende-se estudar a formação da Frelimo e as principais mudanças e conflitos internos, os desafios ao longo de 60 anos, as grandes opções, sucessivamente com discursos nacionalistas, socializante e reformistas a caminho da liberalização e democracia que se tornou em capitalismo selvagem com predomínio do saque. Abordam-se as razões do envolvimento de Moçambique nas lutas no

Zimbabué e na África do Sul, a guerra civil, os conflitos pós-eleitorais e a guerra de Cabo Delgado. As transições económicas do colonialismo para a fase da narrativa socialista e para a economia de mercado e Estado aparentemente liberal. Os métodos de conquista e defesa do poder com autoritarismo, repressão e violência, a supressão do indivíduo em nome do suposto colectivo (de minorias), os campos de "reeducação", os fuzilamentos, desaparecimentos e espancamentos de opositores, a mentira como método de gestão política e governativa e de propaganda, a corrupção e a captura do Estado por interesses de indivíduos e grupos de famílias e de burocratas. É importante conhecer os mecanismos e artifícios de mobilização e de propaganda política em contexto do populismo político e Estado autoritário, incluindo a mentira, o desaparecimento de pessoas e pactos de silêncio e de compromissos materiais.¹

A primeira hipótese do trabalho é o da verificação se tudo o que aconteceu e acontece, conforme a Frelimo reivindica, resulta, das características fundacionais, génese e da evolução da Frelimo e que todos os meios são utilizados para a preservação do poder. Procura-se demonstrar que a compreensão de qualquer fenómeno político, opções económicas e métodos de governação em Moçambique, deve possuir no esquema de análise dois pilares, sem os quais dificilmente se chega a conclusões coerentes e consistentes: o poder e os negócios (sobretudo depois de princípios da década de 1990), que se reforçam mutuamente.

A segunda hipótese é o de certificar-se se a Frelimo, enquanto instituição política teve ou tem alguma ideologia consolidada, coerente e continuada no tempo, suportada pela maioria dos militantes.

Considerando os objectivos, este trabalho possui um enfoque crítico e refere-se aos casos, a opções políticas e ideológicas e a formas de direcção e gestão do poder e das burocracias que fundamentam a hipótese do trabalho. Isso significa que o autor, mesmo que tendo tido uma participação activa no pós-independência, enquanto dirigente de empresas estatais e do Aparelho de Estado, entre 1976 e 1986/87 (deixando então de ser militante do partido), assume essa fase como de voluntariosa, de boa vontade e idealista acreditando, ingenuamente, nos discursos e ideologia propagandeada. Da experiência e vivência e, posteriormente, enquanto académico, tomou consciência fundamentada e sistematizada sobre a Frelimo, as ideologias, suas formas e métodos de actuação, os poderes e contradições internas, as fundamentações das opções políticas e económicas na governação e acerca das relações externas.

Este trabalho tem como objectivo final, analisar aspectos evolutivos que caracterizam a Frelimo e os seus fundamentos políticos e ideológicos e respectivas consequências para o país e para os moçambicanos. O título *ADN Frelimo: Power and Money*, sintetizam as bases que sustentam e reforçam as características de continuidade desde a fundação da Frente de Libertação de Moçambique.

Além da introdução, o livro possui seis capítulos. No segundo, faz-se uma retrospectiva analítica/descritiva (desde a formação de Frelimo em 1962 até 2021) dos aspectos essenciais que fundamentam as hipóteses de trabalho. Os capítulos seguintes aprofundam três aspectos fundamentais: as questões ideológicas da Frelimo e da governação com o título Ideologias, racismo, tribalismo e relações externas; o capítulo 4 tem o título de métodos repressivos violentos, onde se apresentam factos e episódios relacionados com assassinatos e desaparecimentos de pessoas, fuzilamentos, lei da chicotada e raptos; No capítulo 5 dedica-se aos campos/"centros" de reeducação. Finalmente, faz-se um resumo onde se ressaltam as características principais da Frelimo enquanto frente de libertação e partido político

¹ O padre Filipe Couto, um antigo militante da Frelimo, afirmou que a história de Moçambique ensinada nas escolas está cheia de mentiras. Entrevista ao jornal Canal de Moçambique de 21 de Julho de 2021 e afirma: "A história da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e dos país (aquela que nos é imposta nos manuais de ensino) está mal contada, com muitas mentiras à mistura, já não é novidade, já não surpreende ninguém".

único e dominante, e enquanto responsável pelas opções fundamentais da governação e, posteriormente, em contexto de regime multipartidário.

Para a elaboração deste trabalho, foram realizadas entrevistas e consultada bibliografia. O autor procurou que as suas vivências e conhecimento não inquinassem, de algum modo, os conteúdos, considerando que, finalmente, este livro pretende ressaltar o que não é referido pela história contada/escrita pelos vencedores e para que as futuras gerações reflectam acerca do que se deve evitar no futuro.

O autor está ciente que muitos procurarão, com argumentos diversos, descredibilizar o conteúdo ou partes dele. Pela natureza sensível de muitos dos assuntos referidos no texto, o autor procurou, sempre que possível, colocar diferentes versões e percepções de pessoas directamente ou indirectamente relacionados com os factos fazendo o mesmo quando a base documental utilizado também não é consensual.

O autor procura articular diferentes aspectos da história da Frelimo e de Moçambique, regra geral conhecida e documentada em fragmentos, de modo a fundamentar o objectivo do livro: os aspectos referidos e não reconhecidos (escondidos) pelo regime, fazem parte de um todo de opções e práticas não isoladas, de um *modus vivendi e operandi*, que tem como objectivos centrais, os mencionados acima.

Existem alguns factos que são referidos de forma semelhante em mais que uma ocasião ao longo do texto. Essa constatação, deve-se à necessidade de enquadramento/fundamentação de alguns episódios apresentados mais que uma vez, mesmo que em diferentes contextos e abordagens.

Este livro não é de natureza académica.

O autor sabe e conhece militantes que merecem o maior dos respeitos e admiração, não somente pelos contributos às causas do país e dos moçambicanos, como pelas suas posturas de seriedade, honestidade, ética e coerência. Mas não são muitos casos, infelizmente!

Finalmente, o autor pretende contribuir para uma análise serena da evolução da história recente do país, para que, cada vez mais, textos não escritos pelos vencedores contribuam para a formação das novas gerações. As expectativas não incluem, infelizmente, a possibilidade da Frelimo, como instituição partidária com fortes responsabilidades, possa, um dia, pedir perdão aos moçambicanos e ao país, particularmente àqueles que tomaram pela pátria, acusados liminarmente de exploradores, traidores, reaccionários e agentes do inimigo. Àqueles a quem a mentira e a manipulação da propaganda, suportou opções marcantes para todas as suas vidas. Ao povo em geral que vive na pobreza, que poderia ser minimizada se não houvesse tanta corrupção, roubo e mordomias autoatribuídas. Finalmente, o país imerso em conflitos violentos e sociais, onde o tribalismo e o racismo são fomentados na prática, a imagem de um país dos mais pobres do mundo, em estado de incumprimento das dívidas, de financiador do terrorismo mundial. E uma comunidade internacional que por detrás dos discursos e da cooperação e ajuda humanitária, impõe políticas económicas e públicas, exige condições extraordinárias na mobilidade do capital externo e de operação das multinacionais, facilitando o saque dos recursos naturais.

Pedir perdão não é uma traição ou vergonha. É, sim, um acto de valentia, humildade e de honra. Será contra a natureza da Frelimo? O padre Filipe Couto¹, diz: "um país como Moçambique tem dignidade, se todos aquileus que morreram na calúnia, embora trabalharam, também forem reabilitados (...) muita mentira, muita corrupção, muita injustiça, terá que ser aberta".

¹ Idem, Ibidem.